

RESENHA POR CORY J. LA FEVERS

Publicado originalmente em inglês na revista
Latin American Music Review, vol. 36, no. 2, 2015, p. 282-283.

Traduzido por Cory J. La Fevers

IVALDO MARCIANO DE FRANÇA LIMA. *Maracatus do Recife: Novas considerações sob o olhar dos tempos.* Recife: Edições Bagaço, 2012. 400 pp., com fotografias em preto-e-branco, notas, e referências. ISBN: 978-85-373-0979-7 (papel).

Ivaldo Marciano de França Lima é historiador de profissão, e foi, por muitos anos, maracatuzeiro, tendo inclusive sido mestre de batuque e presidente da AMANPE (Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco). Além deste, publicou vários livros e artigos sobre o maracatu-nação, que pode ser definida como uma manifestação cultural, dita “afro-brasileira” (apesar da recusa do autor em utilizar o referido conceito), e ligada às festas carnavalescas em Recife. O trabalho de Lima é estimulante, fornecendo novas perspectivas sobre esta prática cultural, e traz no bojo da obra a sua experiência como mestre maracatuzeiro (um dos mais antigos em atividade até o ano de 2012). O seu novo livro, *Maracatus do Recife*, se debruça sobre os anos 1960 até 2000, que segundo o autor, é o período mais importante da história dos maracatus nação. Neste recorte temporal temos o falecimento de Dona Santa (rainha do maracatu Elefante) em 1962, o período de decadência (anos 1960 e 1970),

e o momento dos ressurgimentos e renovação (anos 1980). Ainda neste recorte, temos o aumento significativo da visibilidade desta manifestação, que ocorre a partir de fatores diversos, a exemplo do sucesso vivido pelo movimento *mangue beat*. Lima é bem taxativo em definir que sua intenção não é escrever uma história definitiva deste período de quarenta anos. Ele desafia entendimentos predominantes, focando no protagonismo dos maracatuzeiros e das maracatuzeiras enquanto principais responsáveis pela construção e sucesso dos maracatus nação. Em seu livro, vemos homens e mulheres tecendo alianças, celebrando acordos, e estabelecendo os limites para transformarem seus grupos em práticas visíveis e viáveis. Foram estas ações, na urdidura do processo, que permitiu o florescimento dos grupos.

Influenciado pelas teorias de Certeau, Lima salienta que os maracatus devem ser entendidos dentro dos seus contextos, de modo que sejam reconhecidas suas perspectivas e experiências diversas, geradas pelas múltiplas formas de viver e navegar a vida na cidade de Recife, todas marcadas pelas opressões interseccionais de raça, classe, e religião. Esta posição estabelece um cenário para observar as práticas que os/as líderes dos maracatus-nação utilizaram para navegar o campo complexo de relações de poder na medida em que várias partes interessadas (maracatuzeiros e maracatuzeiras, jornalistas

tas, folcloristas, militantes negros e negras, e as estruturas municipais de patrimônio cultural) estabelecem diferentes representações sobre os maracatus-nação.

O primeiro capítulo trata da historiografia dos maracatus-nação, destacando as tentativas de definir o que é um maracatu-nação, a busca obsessiva das origens da prática, e o impacto significativo que o trabalho desses intelectuais tem exercido, especialmente quando estes estudos são atrelados ao trabalho de jornalistas e a função do patrimônio oficial na forma dos concursos carnavalescos, e também nos sons e práticas dos maracatuzeiros e maracatuzeiras. O segundo capítulo reexamina figuras icônicas dos maracatu-nação, incluindo Dona Santa e Luiz de França, considerando a construção da memória sobre os mesmos, bem como das noções de tradição que permeiam a sociedade, e que os permitiu ganhar legitimidade tanto com outros maracatuzeiros e maracatuzeiras, como também com os oficiais municipais do Recife, a exemplo de Katarina Real. No capítulo três, Lima introduz o conceito de “campos de força” para descrever articulações de um ou mais maracatus que chegaram a dominar as complexas relações da cena. O conceito nos deixa observar as tendências maiores e também as tensões, disputas, e alianças em transição. Lima conclui enfatizando que o sucesso dos maracatus-nação hoje é diretamente ligado às práticas inovadoras e a direção efetiva dos próprios maracatuzeiros e maracatuzeiras, especialmente a por conta das suas habilidades de dialogar com as noções de tradição e modernidade. Não se pode desprezar também o fato de que o maracatu-nação, na forma como foi representado, se constitua simultaneamente numa herança “africana” dos tempos imemoriais, e também um em-

blema definitivo de uma suposta identidade pernambucana, ou, mais precisamente, no que o autor denomina por “pernambucanidade” dos tempos contemporâneos.

Entretanto, por melhor que seja o livro não é isento de lacunas. Em geral, a linguagem é repetitiva e ligeiramente prolixa. O próprio Lima admitiu que não há um olhar para as relações de gênero entre os maracatuzeiros, por mais que apresente as contendas entre estes, a exemplo das disputas de Maria Madalena e Luiz de França, por exemplo. Os estudiosos da música, ou mesmo da Etnomusicologia poderão sentir faltar de descrições dos ritmos, ou de exemplos da forma como as músicas são produzidas, sobretudo porque o autor afirma várias vezes que são os “sotaques” únicos e diferenças musicais que distinguem os grupos e definem o gênero. Mas, essas falhas não diminuem as contribuições importantes do livro, especialmente o seu foco no protagonismo e na sua metodologia. Lima incorporou as vozes dos maracatuzeiros e maracatuzeiras com história oral extensiva, que também é fortalecida com uma pesquisa de arquivos rigorosa, tudo isso meticulosamente anotado. Em nenhum outro lugar há tanta história oral compilada em uma única fonte, um só livro que trata dos momentos chave e históricos do maracatu-nação. O livro presume, no entanto, um conhecimento preexistente da história e das figuras principais de maracatu-nação, por isso, talvez seja mais indicado para especialistas em maracatu-nação e também estudiosos pesquisando o Nordeste, música “afro-brasileira”, carnaval, ou patrimônio cultural. Creio que estes irão se beneficiar enormemente deste livro.

Cory J. LaFevers

Universidade de Texas em Austin